

À MARGEM

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, **ANTÓNIO-LINO**Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesa

Avé Legionários de Portugal! Avé Viriatos!

Apêlo ao Govêrno e à Imprensa Nacionalista Portuguesa!

pelo dr. José d'Arruela

Acabo de ler, há alguns minutos, sufocado de pasmo e de tristeza, a seguinte notícia, no *Diário de Lisboa*:

"Começou a retirada dos legionários Portugueses"

"Já se encontram em Portugal muitos dos nossos compatriotas que se alistaram no «Tércio» espanhol por toda a campanha, e que tomaram parte em numerosas batalhas.

"Alguns deles vêm mutilados e doentes, sendo muitos os que apresentam cicatrizes de feridas recebidas em combate.

"Diversos desses legionários receberam medalhas e louvores, tendo alguns deles ascendido aos postos de cabo, sargento e alferes."

Juro, pelo que de mais religiosamente sagrado; pelo que de mais alto; pelo que de mais honrado e puro há no meu coração — que ao ler e reler essas palavras, nimbadas do indiferentismo nacional; que ao ler e reler essa assombrosa notícia, toda a minha sensibilidade se arripiou, num frémito de indignação; de pasmo; de revolta; de assombro — para logo recair na prostração dos abúlicos; dos impotentes; dos inutilizados; dos vencidos morais a cuja sombria *vala comum* hoje pertencem!

Mas tentei reagir!

Pedi a Deus desse, à minha mão — a esta mão já trémula por sucessivos colapsos cardíacos — ainda forças com que, sem mais demoras, sem rebusca de forma, sem qualquer recorte literário, me permitisse vir, imediatamente, urgentemente, cumprir este sacratíssimo dever moral!

Me permitisse vir cumprir este sacratíssimo dever de nacionalista, *de Português!*

Este sacratíssimo e comovido dever de homem, de europeu — *de Cristão!*

Mais ainda: este humilde, sagrado e gratíssimo *dever de Pai!*

Eu venho aqui, públicamente, comovidamente, trémulo da mais profunda emoção — beijar-vos as mãos — ó soldados da minha Pátria! O' legionários de Portugal!

Eu venho aqui, públicamente, comovidamente (através desta minha apagada pena!) beijar-vos essas mãos de sagradas cicatrizes, calejadas por honradas armas!

Eu venho aqui estreitar os vossos heróicos peitos feridos pelas balas do inimigo, contra o meu poder de Português e de Cristo.

O' nobres; heróicos; admiráveis defensores de alguma Causa, ainda mais sagrada, mais alta do que a Independência da minha querida, da minha bem amada Pátria!

O' Oficiais! O' soldados, ainda vivos, que espontaneamente, generosamente, heróicamente, fostes arriscar a vida, batendo-vos, frente a frente, peito a peito, em terra e nos ares, por esse Património mais alto, repito, mais divino, mais sagrado ainda, do que a própria Independência da Pátria — por esse Património constituído pela honra dos nossos lares, pela honestidade das nossas mulheres, pela pureza das nossas Filhas, pela liberdade da nossa Fé!

Em toda a História da Civilização Hispanica, em toda a História de Portugal, não há soldados cuja missão humana, peninsular e nacional, tenha sido mais alta, *tão alta*, como a desses portugueses que vão regressando, que vão regressar à Pátria — e como a desses outros que lá deixaram, heróicamente, as vidas, através de lutas homéricas.

* * *

Um dia Franco parte de Tenerife e aterrada em Marrocos. E' o começo da guerra civil. Mola, Queipo de Llano, Varela, Yagué e outros generais, sublevam-se.

E começa a Batalha. Trava-se o duelo, tremendo trágico corpo a corpo de inenarrável sanguinarismo. Mas só entre irmãos. Só entre espanhóis. Caem Sevilha, Huelva, Cadiz, Cordova, Cáceres, Avila, Badajoz e finalmente Toledo — esse heroísmo sem adjectivação possível. Mas eis que surge Madrid. E com Madrid é uma outra guerra que começa. Em Madrid começa uma guerra internacional ou antes começa uma guerra da III Internacional. E' a segunda guerra da Internacional que assola o Mundo. A primeira trava-se no Extremo-Oriente.

Mas aí o *Komintern*, esse directório do banditismo soviético, oferece ao Japão uma confusa batalha, de interesses nacionais e de princípios. Lá, a luta reveste aspectos de política geográfica natural, do *espaço vital* das nações, na feliz expressão de Hitler.

Mas é em Espanha que se trava a primeira guerra *pura* da III internacional bolchevista.

A Rússia surge, aqui, em pleno imperialismo ideológico.

O Colosso semi-asiático apela para todas as forças mundiais dispersas, recruta febrilmente por todo o Mundo, todos os elementos, se não de valentia, de uma ferocidade incontestável.

Junta-lhe os seus tecnicos. Arma-os com as armas mais modernas, e mais mortíferas. Milhares de canhões, de metralhadoras, de tanks, de surpreendente perfeição e variedade, começam a entrar e a desembarcar em Espanha. Pelos Pireneus e pelo mar. Madrid, reforçada, oferece inesperadamente, uma resistencia invencível, para as forças atacantes de Varela.

Invencível, não!... *«Se pela fronteira de Portugal têm podido, nesses dias, marchar seis mil homens, seis mil soldados portugueses. Madrid seria tomada em poucas horas»*, dizia-me, vibrante de energia e melancolia, essa valente e interessante individualidade, de acção e talento, que é Botelho Moniz.

Surge então Miajas — e com Miajas o chefe habil dos exércitos bolchevistas.

Os da Internacional tomam então alento.

Começam a desenhar ofensivas.

O «moral» sobe-lhe em esperanças, alimentadas pelo gorgular de sangue quente de tanta carnificina fácil e corbarde e pelo reforço constante das suas fileiras. Ao apêlo da Rússia — todo o rebutalho moral de ingleses, de holandeses, de franceses, de americanos vai engrossar as fortes brigadas internacionais. São dezenas, são centenas de milhares, são milhares de milhares de soldados, ébrios de odio sedentos de sangue, raivosos de vitória.

Miajas sente que a vitória o bafeja e que á frente dos *Internacionais*, sem Deus e sem Pátria, vai levar de vencida o adversário cristão,

E' então que êle pronuncia a celebre ameaça:

— **Soldados! Vamos a acabar isto, depressa, cá dentro, para que depressa chegue a vez a Portugal!**

Todos recordam essas palavra...
Todos recordam essas declaração sinistra!

(Continua na 4.ª página)

A' MARGEM

O regime da traição e da suspeita

A «Harginsoke Vremiax» publicou recentemente as seguintes declarações que lhe foram feitas pelo representante duma firma estrangeira, após a sua visita à U. R. S. S.

«Como conheço a língua russa e a falo correntemente, não me foi difícil estabelecer com os cidadãos soviéticos relações mais estreitas do que as que podem ter os outros estrangeiros. Uma rapariga, empregada numa repartição pública, aconselhou-me a ser da maior pudência nas minhas conversas com todas as empregadas soviéticas e mulheres dos empregados, pois estão todas ao serviço da G. P. U. Ela própria fôra já chamada para prestar declarações sobre o que me ouvira. As mulheres dos oficiais dependem, do mesmo modo, da G. P. U. Denunciam não só os camaradas dos maridos, como os próprios maridos. E' só nestas condições que lhes é permitido ir aos teatros, visitar as estâncias termais e comprar perfumes e pó de arroz...»

Triste sociedade esta em que tudo assenta sobre a suspeita e a traição. Não sabemos qual será mais lamentável: se a situação dos dirigentes que só assim conseguem defender-se, se a miséria dos que se vêem obrigados a denunciar os entes mais chegados — já não dizemos os mais queridos — para alcançarem as mais pequenas regalias.

* * *

A quem aproveita a guerra

As vantagens que o «Komintern», instrumento da política externa da Rússia, espera dum conflito entre as nações da Europa, foram já clinicamente indicadas na seguinte passagem do programa da Internacional comunista, publicado em 1936:

«O desencadeamento de todas as forças da revolução mundial e a queda inevitável do capitalismo resultarão invencivelmente duma nova guerra mundial.»

Os corvos rondam os campos de batalha para retalhar os corpos dos que temem em vida e com saúde...

Ainda há pouco tempo, Moscovine, «leader» do partido comunista russo, se pronunciava na mesma ordem de ideias escrevendo na *Isvestia* que:

«Em caso de guerra, a participação da U. R. S. S., dada a sua posição geográfica, seria muito limitada mas permitir-lhe-ia guardar intactas todas as suas forças para explorar a situação revolucionária proveniente da guerra.»

D A C I D A D E

VIDA CATÓLICA

Domingo depois da Ascensão

Evangelho (Ioan. 26-27; XVI, 1-5). — «Quando vier o Consolador, aquêlê Espirito de verdade, que procede do Pai, que eu vos enviarei da parte do Pai, êle darâ testemunho de mim; e também vós dareis testemunho, porque estais comigo desde o principio. Eu disse-vos estas coisas, para que vós não vos escandalizeis. Lançar-vos-ão fora das sinagogas; e está a chegar o tempo em que em que todo o que vos matar, julgará que nisso faz serviço a DEUS. E tratar-vos-ão dêste modo, porque não conhecem o Pai nem a mim. Ora eu disse-vos estas coisas, para que, quando chegar êsse tempo, vos lembreis de que eu vo-las disse desde o principio, porque estava convosco. Agora vou para aquêlê que me enviou; e nenhum de vós me pergunta; Para onde vais?»

Homília. — E' para nos preparar para a festa tam solene do Pentecostes que a Igreja nos recorda hoje estas palavras de Nosso Senhor, as quais nos revelam o que é essencial sabermos acêrca do Espirito Santo. Todos os dias recitamos no símbolo dos Apóstolos: *credo in Spiritum Sanctum*; eu creio no Espirito Santo. Ora — pensamento doloroso, mas verdadeiro! — se preguntarmos a muitos cristãos o que é o Espirito Santo, êles não saberão responder. Digamos, pois, em poucas palavras o que é o Espirito Santo *em si mesmo*, e que êle é em relação a nós, os nossos deveres para com êle.

O que é o Espirito Santo. — Dá-se o nome de *seres espirituais* aos Anjos e às nossas almas, que, no seu ser, nada têm de material e cuja natureza é tal que êles podem agir independentemente da matéria. Com maioria de razão, Deus é *espirito*; e como êle é também a santidade por excelência, o nome de *Espirito Santo*, observa o Catecismo Romano, convém igualmente a Deus Pai e a Deus Filho.

Entretanto, êste nome foi reservado para designar especialmente a terceira pessoa da Santíssima Trindade.

E' uma verdade de fé, que nós devemos acreditar absolutamente como católicos, que o *Espirito Santo* existe; que é uma pessoa distinta do Pai e do Filho, e que forma com êles um só e o mesmo Deus.

Ide, disse Nosso Senhor aos Apóstolos, *ensinaí tôdas as nações, bapti-*

zai-os em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo.

O que é o Espirito Santo relativamente a nós.

Jesus chama-lhe Consolador, Paráclito. Com efeito êle ia em breve abandonar seus Apóstolos e para que se não julgassem abandonados, disse-lhes: *Eu não vos deixarei orfãos; eu pedirei a meu Pai e êle vos darâ um outro Consolador, a-fim-de que permaneça eternamente convosco.* Este Consolador é o Espirito Santo que efectivamente desceu sobre os Apóstolos no dia do Pentecostes e os encheu de tantas luzes, fôrças, consolações e alegrias que êles alegranam-se de serem desprezados, presos, flagelados por causa do *nome de Jesus*.

E' ainda êste Espirito divino que consola as almas fieis nas suas tentações, enfermidades, sofrimentos e privações dêste mundo; é êle quem nos assiste com a sua graça para praticar e suportar tudo por Deus e pela vida eterna.

O' vós que estais aflitos, voltai-vos para o Espirito Santo; êle mostrar-vos-há o preço dos sofrimentos, e ajudar-vos-há a suportá-los duma maneira cristã e meritória.

Deveres para com o Espirito Santo. — Costumamos pôr o Espirito Santo muito fora das nossas devoções e frequentes vezes omitimos os principais deveres a que somos obrigados para com êle. Recordemo-los, pois, brevemente.

Visto êle ser Deus como o Pai e o Filho, tem direito a actos de *adoração e louvor*. Tenhamos esperança nele e confiemos nas suas promessas, na sua bondade, sabedoria, poder e acção sobre as nossas almas. Amemo-lo com todo o nosso coração e agradeçamos-lhe os seus benefícios e as suas graças. Peçamos-lhe continuamente e com fervor que se digne descer até nós, a esclarecer-nos, fortificar-nos, abraçar-nos com o seu amor.

Acreditemos, meus irmãos, estes grandes mistérios com tôda a firmeza. Agradeçamos ao Espirito Santo o ter-nos chamado *à luz admirável da fé*, que nos tornou filhos de Deus na água lustral do baptimo, que nos santifica todos os dias pelos sacramentos e pelas suas divinas inspirações. Redobremos de fervor esta semana, preparando-nos como os Apóstolos para a festa do Pentecostes, a-fim-de, como êles, sermos cheios de dons do Espirito Santo e, assim transformados, vivermos duma maneira digna de Deus e do céu. Amem.

(Thiriet.)

Comércio de Guimarães

No passado dia 15 do corrente mês de Maio completou o seu 55.º aniversário o nosso estimado colega de imprensa *O Comércio de Guimarães*.

Quem durante tam longos anos soube manter-se no caminho e rectidão de princípios — o «antes quebrar que torcer» já é dos seus dias de luta — bem merece o nosso respeito, tanto mais quanto mais raro é em nossos dias a coerência do carácter. A ve-

lhoice num jornal, que manteve sempre um programa com raízes profundas na nossa História, não faz esmorecer a sua acção, antes pelo contrário lhe dá fôrças a continuar o ritmo de sempre — cada vez mais, cada vez melhor.

As nossas saudações nacionalistas de camaradas leais.

— Também fizeram anos os nossos colegas *A Voz de Fafe* e o *Jornal de Esterreja*, camaradas da ordem nova. Os nossos cumprimentos.

Aniversários

Maio, 16 — José de Lemos Sampaio.
Maio, 20 — Dr. Manuel de Carvalho Rebêlo de Menezes.

Maio, 24 — D. Ana Carneiro Martins Moreira de Castro.
Dr. António Augusto da Silva Carneiro Júnior.

Missa

Rezaram-se com muita concorrência as missas do 7.º dia por alma de saudosa sr.ª D. Maria Angela Meireles Amado Gonçalves, espôsa do sr. dr. Mário Botelho Gonçalves.

Futebol

Realizou-se, como havíamos noticiado, no passado domingo, o desafio entre o Vitória e o F. C. do Porto, saindo aquêlê vencedor por 3-2.

Muita assistência e vitória justa.

«Brotéria»

Sau o número de Maio desta erudita revista dirigida pelo ilustre Rev. Dr. Domingos Maurício.

Director dos Monumentos Nacionais

Esteve nesta cidade o sr. Director dos Edifícios e monumentos Nacionais que conferenciou com sr. Presidente da Câmara sobre os prédios a expropriar em volta do Castelo de Guimarães e Paço dos Duques de Bragança. — C.

Festas do Corpo de Deus Centenário

A cidade de Guimarães prepara-se para celebrar solenemente o 4.º centenário da fundação das Confrarias do SS. Sacramento, com o seguinte programa.

Tríduo Eucarístico na Igreja paroquial de São Sebastião (Dominicas), promovido pela Associação das Marias dos Sacrários, a principiar no dia 4 de Junho às 5 horas da tarde, sendo orador o ex.º Cônego Insuelas, da Sé de Braga.

Nos dias 5, 6 e 7, as práticas serão às 6 horas da manhã e 9 da tarde.

No dia 7 à noite — Adoração Solene — com a presença das Confrarias do SS. Sacramento da cidade.

No dia 8 — De manhã, comunhões gerais às 6 e 8 horas — de tarde, 3 horas, sessão de propáganda eucarística, e às 5 sairá da referida Igreja uma imponente procissão do SS. Sacramento, sob a presidência do ex.º Bispo de Arena, D. Luiz de Almeida, que percorrerá o itinerário seguinte: Rua de Camões, Largo 28 de Maio, S. Dámaso, Oliveira, Rua da Rainha, Tournal — nascente e poente — e Rua de D. João I até às Dominicas.

No Tournal será dada a bênção do SS. Sacramento da frente da Igreja de S. Pedro.

NOTA — Pede-se a comparência de todos os confrades do SS. Sacramento à referida sessão do dia 8, bem como aos actos do culto dêste programa.

Câmara Municipal — Sessão de 12

Em sua sessão de 12 do corrente a Câmara deliberou:

Entregar ao mestre de Obras José da Costa, da freguesia de Urgezes dêste concelho, a arrematação da obra de construção de pavimentos, passeios e fundação a mecadame da rua de Paio Galvão, pela importância de 76.955\$00; conceder o subsídio de 900\$00 ao Liceu de Martins Sarmento para a aquisição de uma colecção de ovos de aves desta região devidamente conservados e etiquetados; mandar que, pela Repartição Técnica, se organize o orçamento de uma instalação de um posto meteorológico, contando com o material já existente no Liceu, para o referido Posto; autorizar o pagamento de 1.500\$00 à direcção do *Diário da Manhã*, pela publicidade feita no numero de 27 de Abril a êste concelho; tomar conhecimento de ter sido proferido o acordão de gerência municipal de 1936 pelo Tribunal de Contas e autorizar o pagamento de 2.340\$00 de emolumentos devidos ao mesmo Tribunal.

Deram entrada na Câmara Municipal os seguintes requerimentos: Francisco José Fernandes, desta cidade pede licença para construir um barraco de madeira na freguesia de Mesão-Frio. Deferido.

Júlio Augusto de Paiva, de Lordêlo, pede licença para reparar um prédio que possui na mesma freguesia. Deferido.

Domingos de Oliveira Mendes, de S. Martinho de Sande pede para ligar a água da rede geral para o seu prédio. Deferido.

Francisco Joaquim de Freitas & Genro, pedem autorização para levantar a bomba distribuidora de gasolina e respectivo depósito subterrâneo instalados em frente à firma Braga & Carvalho. Deferido.

— A Câmara delibrou autorizar o pagamento de 459\$00 a Antonio Ferreira da obra de empedramento de umas minas na Penha, e 904\$170 a Joaquim Faria Diniz' pela construção dum aqueduto na freguesia de S. João e Santa Maria de Airão;

Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Têxtil do Distrito de Braga

(Sede em Guimarães)

AVISO

A Direcção dêste Sindicato no intuito de contribuir dentro das suas possibilidades para uma melhoria da situação dos desempregados desta indústria e a fim de proceder a um estudo sobre a sua possível existência, convida todos os operários seus, sindicalizados, que se encontrem nessa situação, a inscreverem-se até ao dia 31 dêste mês na secretaria dêste Sindicato.

Guimarães, 19 de Maio de 1939.

A Direcção.

PROBLEMAS MUNICIPAIS A' margem

A questão da luz

Completando o estudo que temos vindo a fazer sobre a questão da luz, damos a palavra ao Ex.^{mo} Sr. Capitão Magalhães e Couto publicando a continuação do seu «estudo da proposta apresentada pela firma Bernardino Jordão, Filhos & Companhia ao Ex.^{mo} Sr. Governador Civil, para concessão dos serviços Eléctricos no concelho de Guimarães» — que ia ser apresentado à Câmara Municipal de Guimarães.

* * *

Respondeu a Câmara com o officio n.º 719 de 23 de Dezembro de 1937 que integralmente se transcreve:

«Ex.^{mas} Srs. Bernardino Jordão, Filhos & C.^a, Limitada — Guimarães.

O officio de V. Ex.^{as}, data de 11 do corrente, mereceu, como não podia deixar de ser, a maior atenção por parte da Comissão Administrativa desta Câmara, a que tanto me honro de presidir.

São, na verdade, do conhecimento de todos os vogais desta Comissão Administrativa as dificuldades surgidas entre esta Câmara e essa firma, filiadas em grande parte, na insuficiência das cláusulas do contracto de 1901 e modificações posteriores, e nas dificuldades da interpretação e execução dessas cláusulas, inteiramente divorciadas das condições e necessidades actuais dos Serviços públicos de luz e fôrça motriz.

Não tem outra origem os conflitos surgidos e também a resolução da Câmara em municipalizar tais serviços. Regista a Câmara, com agrado, que V. Ex.^{as} estejam agora na disposição de favorecer o público com preços mais baixos na luz e fôrça motriz, do que aquêles que até ao presente V. Ex.^{as} adoptaram.

Poderíamos talvez dizer que estamos em presença dos primeiros frutos dos trabalhos da municipalização.

Em princípios do ano corrente e prestes a findar, fêz a Câmara a V. Ex.^{as} propostas concretas a que V. Ex.^{as} não responderam de modo satisfatório.

A proposta de V. Ex.^{as} contida no seu officio de 11 do corrente, não respeita o estabelecido entre V. Ex.^{as} e a Direcção Geral das Indústrias, que fixava em todo o concelho o preço de \$45 para a fôrça motriz, e é totalmente omissa no que se refere à energia para iluminação pública e para os serviços camarários.

As zonas onde deviam vigorar os preços por V. Ex.^{as} indicados e ainda os limites mínimo e máximo do consumo e do fornecimento, quais as freguesias a electrificar imediatamente ou em futuro

próximo, e em que condições, nada disso se fica sabendo pela proposta de V. Ex.^{as}.

O facto da municipalização dos Serviços Electricos não implica para a Câmara a obrigatoriedade de fazer a exploração por sua própria conta.

Se tal fôr mais vantajosa para o município e para os municipes pode a Câmara estabelecer arrendamento ou concessão.

Assim, pois, para que a Câmara possa ajuizar bem da proposta feita, venho rogar a V. Ex.^{as} se dignem apresentar a esta Câmara, em prazo tão curto quanto lhes seja possível, uma minuta do contracto e caderno de encargos pelos quais esta Câmara possa bem aquilatar das vantagens que V. Ex.^{as} oferecem e das obrigações a que o município e o público ficarão sujeitos.

Só depois de recebido tal documento a Câmara poderá pronunciar-se sobre tão importante matéria e creiam V. Ex.^{as} que o fará tendo sendo em vista os superiores interesses desta cidade e concelho.

A Bem da Nação.

O Presidente,

(a) *José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto.*»

A êste officio da Câmara respondeu a firma ex-concessionária pela forma seguinte:

Guimarães, 27 de Dezembro de 1937.

«Ex.^{mo} Sr. Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães.

Estamos de posse do officio de V. Ex.^a de 23 do corrente, e respondemos:

As razões que V. Ex.^a nos apresenta para justificar a rescisão do nosso contracto, não colhem, e muito teríamos de dizer acerca dêste assunto, porém achamos mais conveniente não falar mais nele porque é mal que já não tem remédio, e vamos, portanto, tratar do presente que é o que interessa ver resolvido.

Diz V. Ex.^a que nos foram feitas, pela Ex.^{ma} Câmara, no princípio do ano corrente, propostas concretas a que nós não respondemos satisfatoriamente. Devemos confessar a V. Ex.^a que achamos extraordinário êste dito porque não temos idea de ter recebido tais propostas, nem tam pouco constarem do nosso arquivo, e por isso esperamos dever a V. Ex.^a o obséquio de nos oferecer uma cópia das referidas propostas.

O preço a que nos referimos, de \$45 a \$60 para a fôrça motriz é para a mesma ser

fornecida em baixa tensão e não em alta, como acontece com o estabelecido entre nós e a entidade superior. Já vê, pois, V. Ex.^a que não há motivo para insinuações, e a propósito devemos dizer-lhe que possuímos um certo orgulho por termos sempre cumprido os nossos contractos e obrigações, que datam do ano de 1907, e já o mesmo não pode dizer V. Ex.^a da Câmara a que tem a honra de presidir.

A idea que nos levou a dar conhecimento à Ex.^{ma} Câmara do que dissemos em nosso officio de 11 do corrente, foi para facilitar a resolução dêste assunto, que muito desejamos ver resolvido, e para a Ex.^{ma} Câmara e o público ficar sabendo com o que podem contar da nossa parte, e se não nos referimos ao preço para a luz pública e às condições de fornecimento, etc., é porque entendemos que as bases do contracto a estabelecer, devem ser apresentadas pela Ex.^{ma} Câmara e não por nós.

Aguardamos, pois, que V. Ex.^a mande elaborar o caderno de encargos para ser apreciado pelos concorrentes, certos de que, pela nossa parte, faremos o possível para chegarmos a um perfeito acôrdo.

Com os nossos protestos de muita estima e consideração, subscrevemo-nos respeitosamente

A Bem da Nação.

(a) *Bernardino Jordão, Filhos & Companhia Limitada.*»

Dêste officio se vê, além do mais, que a firma, ex-concessionária não hesitou em voltar as costas quando se lhe pedia uma proposta em termos definidos, claros e precisos.

Vejamos a proposta apresentada ao Ex.^{mo} Sr. Governador Civil:

Proposta da firma Bernardino Jordão, Filhos & C.^a, Limitada, apresentada ao Ex.^{mo} Sr. Governador Civil:

A proposta que fazemos assenta nas cláusulas seguintes:

- a) — Duração da concessão. 20 anos (E' indispensável êste prazo para se tirar a compensação da electrificação rural)
- b) — Energia para iluminação particular:
Kilowatt mensal-máximo, 1\$20; mínimo, \$80, a saber: de 1 a 10 Kilowatts 1\$20; de 11 a 20 Kilowatts 1\$10; de 21 a 30 Kilowatts 1\$00; de 31 a 40 Kilowatts \$90 e os restantes Kilowatts a \$80.
- c) — Aluguer de contadores-mensal 1\$00

(Continua na 5.ª página)

Consequência da intervenção marxista em Espanha

Os elementos que constituíram as brigadas internacionais que em Espanha tão mal souberam defender o seu «querido» marxismo, espalharam-se agora pelo mundo. Muitos deles, conhecedores já do que é o comunismo na prática, tornaram-se adversários irreductíveis de Moscovo. Outros, porém, porque essa mesma prática das doutrinas marxistas, com tôdas as suas licenciosidades e com todos os seus crimes, lhes agradou, ou ainda porque não lhes seria fácil arrepiar caminho, explicando a sua actuação de bandidos, continuam fiéis a Estaline. E andam, presentemente, espalhados pelo mundo, constituindo núcleos perigosos. O jornal belga *Vingtième Siècle*, referindo-se ao facto, diz que êsses elementos vão ser utilizados como tropas especiais comunistas na França, na Bélgica e noutras nações. Na Bélgica, criou-se já uma «Liga de voluntários da liberdade» e que é dirigida por um polaco.

Todos êsses elementos anseiam por conseguir a repetição, nesses países, dos horrores que, durante dois anos, constituíram em Espanha um dos mais confrangedores espectáculos da história da humanidade.

* * *

A depuração soviética na indústria

As depurações a que os sovietes procederam recentemente entre os directores das fábricas traduzem-se pelos seguintes números, só em referência a 1938:

Foram presos e levados aos tribunais: 42 % de todos os directores de de empresas dependentes do commissariado das indústrias pesadas; 35 % nas indústrias mecânicas; 20 % nas indústrias ligadas à defesa nacional; 48 % nas indústrias ligeiras; 25 % nas indústrias da reabornização; 29 % nas indústrias de alimentação; 40 % nas indústrias locais.

Pondo de lado, por agora, o aspecto trágico desta «limpeza», ocorre perguntar onde estará a verdade no dilema: ou aquêles dirigentes eram tènicamente incompetentes e, nesse caso, teríamos de lamentar a indústria soviética; ou, pelo contrário, eram categorizados especialistas, cuja falta acarretará necessariamente graves prejuízos para os diversos ramos industriais?

E o que se dá com a indústria acontece, como é sabido, com todos os outros sectores da actividade soviética.

«RESSURGIMENTO»

Sai êste número um pouco atrasado devido ao dia Santo de quinta-feira, em que não trabalhou a Tipografia onde é impresso.

As nossas desculpas aos nossos estimados leitores, pois para os *pataratas* de café, que se julgam profetas, não nos mereceria a pena escrever estas linhas.

Só razões como a de hoje nos obrigam a adiar — e por um dia só — a publicação do nosso jornal.

Bem sei que só estes falsos profetas... da desgraça, são capazes de afirmar coisas que nem sequer nos divertem.

Avé Legionários de Portugal! Avé Viriatos! Excesso de honrarias...

(Continuação da 1.ª página)

Era a declaração de Guerra!

Era a declaração de Guerra da Internacional!

Foi nessa hora que, dentro de mim, ainda iluminado pelo amor a dois anos, jurei obediência ao Chefe, ao Chefe inteligente, honrado, que nessa hora, inteligente, estava já à frente da Nação... Foi nessa hora que, apesar de aniquilado pela dôr e pelo desespero moral, jurei obedecer... e lutar, se fôsse possível.

Como voltar, porém, a lutar?

O que fazer como português, como cristão, como Pai?

Como bater-me, de novo, ainda?

Foi então que, pegando de novo na pena, deixada afogar em amargura e lágrimas sagradas, me sentei no recanto mais humilde dessa honrada Casa, e lancei esse prego sincero, essa campanha, ardente, esse apêlo aos Amigos da Voz que, patrocinado pelo seu Director e Vice-director — queridos e generosos amigos — careceu para essa honrada, intemerata trincheira cristã, católica, anti-bolchevista — os recursos materiais de que este heróico jornal, nessa hora, carecia. E foi então, assim que, pela primeira vez, na minha longa vida de jornalismo, tracei palavras, tracei armas em defesa do Poder, em acatamento e defesa do prestígio dum Chefe — do Chefe eminente, prestigioso e Sério.

Fiz esse sacrifício à minha sensibilidade, doentamente independente — porque senti que era esse o meu Dever. Servi como pude.

E servi! Servi sem ser servil.

Há uma única ponte que pode ligar despreocupadamente a dignidade absoluta dum homem integralmente independente à defesa do Poder.

E' o pleno desinteresse material. E' a renúncia, intransigente, a todos os favores desse Poder!

Mas, nessa Hora, não arrisquei a vida. Não voltei a arriscar vida.

Outros a arriscaram heróica e conscientemente!

Outros a perderam! Consciente, heróicamente.

Outros, cá dentro, nem a arriscaram; nem a perderam; nem a perturbaram sequer! Continuaram sentados ao canto dos seus salões, vivendo o nababismo egocêntrico, pensando nos retratos de avós inventados ou nos milhões acumulados de novos ou velhos ricos!

E quantos desses (e outros congêneres) mascando caros charutos e perdigotando — sorrirão hoje, desprezadores ou indiferentes — ao ver-vos passar, ao ver-vos passar «mutilados, doentes, com cicatrizes recebidas em combate», como diz o jornal. Ao ver-vos passar ó soldados da mais sagrada guerra! O' soldados de Cristo! Da Pátria! Da Civilização Europeia!

O' heróicos soldados da Civilização Espanhola-Portuguesa — menos ameaçada outrora com as hordas sanginárias de hoje, as hordas de Staline, o Atila de Moscovo, secundado e aliado de todas as hordas de Além-Pirineus.

E como esses Nababos e com esses Egotistas, e com esses inconscientes — sorrirá inconsciente a Nação, o Governo Nacional?

Esses heróis souberam oferecer ou, espontaneamente, dar a vida por Portugal — e Portugal não saberá, cons-

ciosamente, honrar-lhes as vidas ou as memórias sagradas?

Esses heróis compreenderam que na batalha de Além-Guadiana se decidia trágicamente, a sorte, a salvação ou a morte de sua e nossa Pátria — e essa Pátria, pela qual heróica e voluntariamente sofreram ou morreram, mostrar-se-á incapáz de compreender o seu consciente, admirável e glorioso sacrifício?

Esses soldados foram bater-se e morrer, mais do que pela nossa Independência Colectiva de Nação — mais do que pela nossa independência política — foram bater-se pela nossa fé, pelos nossos Lares, pela nossa moral, contra as hordas sem Pátria, sem Moral, sem Deus — e nós não saberemos pagar-lhes a sagrada, a sacrossanta, a incomparável dívida de reconhecimento; individual e nacional, que a morte de uns e o sacrifício de todos geraram, para sempre?!

Não será preciso, indeclinavelmente preciso, que além do reconhecido e decisivo acto de perfeita política de espiritual e objectiva Aliança moral Peninsular, praticada com nobre independência e até heroísmo diplomático pelo Governo Português, na defesa da fronteira ds Ocidente, ponhamos na maior evidência que também ao tributo do sangue da Raça Irmã não há que abrir processo de carência?!

Não será inteligente e preciso tornar o mais evidente, o mais afirmativo possível, que Portugal, que a Raça portuguesa, apesar das limitações da liberdade de acção impostas pela política da Conferência de Londres; esteve presente, e bem presente, não só no ponto de vista nacional, da aliança de fronteiras políticas, mas pelo seu sangue, pelo sangue heróico dos seus soldados, pelo sangue dos seus legionários, que ajudaram a salvar a Península, que ajudaram a repetir da Ibéria as hordas asiáticas e internacionais dos dos temíveis exércitos bolchevistas?!

«Pela espontânea e natural aliança do génio lusitano com o Cristianismo, portugueses e castelhanos, fizeram sempre seus inimigos, os inimigos tradicionais da Fé Cristã. Eis porque o seu labor, ou no campo das batalhas ou nas amoradas das naus das Descobertas, foi inalteravelmente um labor de puro europismo», como nos lembra um grande escritor.

Natural aliança do génio hispânico com a Cristianismo ou europismo, tam traído, já em séculos seiscentistas, pelo eterno egoísmo de Além-Pirineus, que fazia exclamar ao nosso Epico:

Pois de ti, galo indigno, que direi?
Que o nome Cristianismo quiseste,
Não para defendê-lo, nem guardá-lo
Mas para ser contra ele, e derribá-lo!

As guerras Peninsulares foram quasi sempre guerras de Civilização Cristã — e a essas nunca faltamos.

Nunca a «Loucura da Cruz», na expressão de S. Paulo, nos deixou inertes.

Nunca faltamos!

Nunca faltamos em qualquer «grande esforço do Ocidente» no verso lapidário do soneto de Herrera.

Não faltamos hoje, como não faltamos na epopeia formidável de Reconquista.

Não faltamos hoje, como não faltamos em Navas de Tolosa ou no Salado, para a expulsão dos Árabes.

Não faltamos hoje, como não faltamos quando, aliados, de Carlos V, as nossas esquadras cristãs, comandadas pelo Príncipe D. Luiz, tomavam Tunis, ao crescente turco que infestava o Mar Mediterrâneo.

Não faltamos hoje, como não faltamos ontem, na Guerra-Peninsular contra o grande Corso, cuja águia, como êle confessava melancolicamente, em Santa Helena, aqui foi ferida de morte.

Assim desde o século XI até ao século XVI, em que ao lado da Espanha salvamos a hegemonia Europeia, com a traição da própria França — nunca faltamos!

Apagado o ciclo das guerras da Independência, o Interêsse Peninsular inspirava-nos uma directriz mundial, iluminada pelo catolicismo — e que nunca traímos.

Quis uma quasi milagrosa Providência que, ao eclodir da formidável, da inenarrável guerra, que vem de assolar a parte oriental da Península, a Revolução da Ordem, em Portugal, mantivesse à sua frente um homem cujo prestígio, salvando essa Revolução, acaba, com Mussolini, (mas em mais difícil batalha diplomática do que a do genial italiano) de salvar, de ajudar, a salvar a Península...

Mas se na grande e difícil guerra diplomática «não faltamos e vencemos» — também não faltamos nos outros mortíferos campos de batalha! E que batalhas! E que tremendas e incomparáveis batalhas! E que tremenda e incomparável guerra!

E quem foi representar o «grande esforço» de Portugal, nesses campos de metralha e de morte? Quem foi salvar duma deshonrante carência a História dessa guerra, onde se acaba de se decidir, pela vitória — da sorte, do futuro, da vida, da morte, da morte moral de Portugal?

Foram, como em 1128, em S. Mamede — «in campo S. Mametis quod est prope castelum de Vimarenes», na citação do dr. Alfredo Pimenta) — Soldados comandados pelo seu Rei, dando vida ao «Primeiro Dia de Portugal», na *trouville* felis do eminente diplomata e escritor dr. Alberto de Oliveira?

Foram, como em 1383?

Foram como em Atoleiros, Tranco-so, e Aljubarrota — comandados pelo Heroe-Santo e pelo Mestre?

Foram como em 40?

Foram como em Elvas, Ameixial, Montes-Ciavos?

Não!

Os soldados que, hoje, vão regressando a Portugal, provindos dos campos de batalha — foram para essa guerra: não obrigados, não constrangidos pela Lei — mas abraçando, voluntariamente, essa missão do Dever, do dever mais alto que jámais tem cumprido um soldado, o coração, a alma dum soldado português!

Nunca nessas guerras do Passado, (que venho de invocar) esteve em risco, em qualquer risco, a Civilização moral da Península! Apenas se debatiam, sagradamente, é facto, fronteiras, geográficas. Nunca, nessas guerras, estiveram em risco de eminente subversão sanguinária, as bases, os alicerces da vida moral das duas nações adversas!

E esses soldados gloriosos de Portugal, traçaram essas páginas de glo-

(Continua na 8.ª página)

Nas suas «Notas de Arte», Diogo de Macedo, escritor e artista, insurgiu-se contra os trabalhos forçados de constante exibicionismo a que estão sendo obrigadas algumas das mais altas autoridades do país. *Ocidente* aplaude calorosamente as palavras do seu ilustre colaborador e querê juntar-lhe mais algumas. Estamos, na verdade, assistindo a um excesso de banquetes e sessões solenes, de fotografias e exhibições, que nada acrescentam ao mérito regime e que tiram muito tempo e sossêgo a quem precisa de trabalhar. É certo que há quem só vive de aparecer nessas solenidades e nas fotografias dos jornais, como há muita gente que veio ao mundo apenas para comer, mas hoje, mais do que nunca, é preciso trabalhar, trabalhar e trabalhar muito. A casa está arrumada, com ordem, com saldo, respeitada em todo o mundo e nas vésperas da sua maior festa. É preciso realizar o que se projectou, cumprir tudo quanto está planeado para que mostremos ser dignos de quem nos dirige. Temos oito meses úteis e tudo apenas em começo. Não se deve perder um segundo em festas secundárias, em almoços de três horas, festinhas de vaidades e sessões de retórica empolada.

Vêm aí delegações de todos os países, operadores cinematográficos, jornalistas-detectives que tudo esmiuçam e fixam; vem o Brasil para se igualar connosco na honra de receber, vem os contingentes de nossas colónias para sentir e admirar a Pátria-Mãe.

Fomos a Sevilha e Paris, com brilho e êxito magníficos. Estamos em Nova York com uma representação condigna e original.

Não podemos sequer imaginar que se não acabará a tempo e com a mais notável maestria tudo o que derivou das nobres sugestões apresentadas em Março de 1938 (há 14 meses!) pelo eminente Sr. Presidente do Conselho.

(Da revista *Ocidente*).

A Igreja Nova

Quiseramos nós, ao erguer a igreja nova de Nossa Senhora de Fátima, que ela satisfizesse a estas três condições: ser uma igreja, ser uma igreja moderna, ser uma igreja moderna bela.

Quanto a ser igreja, não sabemos se o contestarão alguns que não costumam frequentá-las. Mais natural é que muitos, incorrigíveis *laudatores temporis acti*, para nos servirmos da frase do poeta antigo, se fiquem na admiração estática das igrejas que de meninos conheceram. Na igreja nova procurou-se, antes de tudo, construir uma igreja — subordinando todos os seus elementos ao fim cultural da obra.

Em nenhuma outra igreja até hoje construída entre nós, se traduziu tam marcadamente (que saibamos), logo na concepção architectónica, a vida sacramental.

Creemos ter-se aqui realizado com felicidade, o que ousáramos chamar uma igreja litúrgica, se todas o não devessem ser.

Se nem todos o sabem reconhecer, cabe perguntar, se tal é devido à insuficiência dos artistas ou à incompreensão dos críticos.

Quanto a ser moderna, não com-

(Continua na 7.ª página)

Problemas Municipais

(Continuação da 3.ª página)

- d) — Energia para casas de beneficência \$80
- e) — Energia para as Repartições públicas a cargo da Câmara \$50
- f) — Energia para a iluminação pública com lâmpadas a cargo desta firma. \$45
- g) — Energia para força motriz-Kilowatt, mínimo \$45
- " máximo \$60

h) — Electrificação das freguesias:
Fica a cargo desta firma a construção das linhas de alta tensão e cabines transformadoras nas freguesias que distem das nossas linhas actuais de alta tensão 2.000 metros, ficando a cargo dos futuros consumidores das mesmas freguesias a instalação da rede de baixa tensão.

Mais propomos construir as linhas de alta tensão e cabines transformadoras nas outras freguesias desde que os futuros consumidores nos garantam um consumo anual compatível com os encargos da montagem das referidas linhas e cabines além de 2.000 metros.

i) — Os preços para a iluminação pública particular e força motriz destas freguesias, seriam os mesmos da cidade.

j) — Os preços do Kilowatt-hora aqui estabelecidos ficam sujeitos à alteração prevista pelo caderno de encargos-tipo.

Esclarece-se — como já dissemos ao Ex.^{mo} Sr. Governador Civil — que continuamos a manter o sistema de avenças, facultativo para instalações de uma e duas lâmpadas, a 2\$50 por cada lâmpada de 16 velas e 4\$00 por cada lâmpada de 25 velas, por mês — o que fazemos como protecção às classes pobres.

Trata-se de uma proposta extremamente vantajosa, pois estipula os preços mais baixos de todo o País, electrificando todo o concelho, e mantendo em toda a área deste os mesmos preços da cidade.

Faremos, quanto a benefícios e vantagens exactamente o mesmo que poderiam fazer os serviços municipalizados — com a diferença de fixarmos preços muito mais reduzidos."

* * *

Comparando as duas propostas vê-se que o prazo nesta última foi elevado de 10 para 20 anos e regista-se uma oferta de preços na luz particular variáveis entre 1\$20 e \$80 conforme o consumo — o que, diga-se de passagem, só vai favorecer as classes ricas — oferecendo o proponente fornecer energia para luz pública a \$45 por Kilowatt, incluindo as lâmpadas, o que não acontecia na primeira proposta.

A diferença de preços entre as duas propostas é sensível, pelo que temos de concluir que a Câmara assistia razão quando rejeitou a primeira.

Na sua proposta a Firma ex-concessionária pretende substituir o regimen de avença por lâmpada, que até aqui vigorou na luz pública, pelo pagamento dos Kilowatts consumidos nesse serviço.

Vejam qual o resultado:
Tendo em conta o número de lâmpadas em serviço na iluminação citadina e o seu consumo em função das características de cada lâmpada, se-

gundo dados fornecidos pelas diferentes casas vendedoras de lâmpadas podemos organizar o seguinte quadro:

Número de lâmpadas	Fôrça iluminante em velas	Consumo	
		Kwh. por lâmpada	Total Kwh.
435	32	40	17.400
33	50	60	1.980
108	100	100	10.800
10	200	200	2.000
21	400	300	8.400
2	600	500	1.000
9	1.000	750	6.750
Total . . .			48.330

que nos indica ser o consumo actual das lâmpadas em serviço na iluminação pública de 48.330 Kilowatts por hora ou seja no fim de um ano com a duração diária de 10 horas:

$$365 \times 10 \times 48.330 = 176.404,5 \text{ Kwh};$$

o que importará a \$45 por Kwh; $176.404,5 \times 45 = 79.382,25$.

Na proposta não se diz onde serão colocados os contadores, mas é de supor que o sejam, como na primeira proposta se diz, nas cabines de transformação, ficando por isso à conta da Câmara a perda em linha. Supondo a na rede actual de 15%, teremos para a luz pública um consumo de 207.529 Kilowatts a que corresponderá uma despesa de $207.529 \times 45 = 93.388,05$.

Quer dizer, custando a iluminação pública actualmente à Câmara, segundo as condições do contrato de 1901, cerca de 60 contos (incluindo já o custo das lâmpadas, aliás indevidamente pagas) a proposta virá agravar em mais de 30 contos as despesas daquêle serviço municipal.

Vê-se pois que sob este ponto de vista está longe a proposta de ser vantajosa, embora se possa registar apreciável melhoria sobre a anterior que elevava — como é fácil de ver fazendo os calculos — para mais de 130 contos a despesa da luz pública, conservando-se nela, todavia, a mesma fôrça iluminante que todos reconhecem ser já insuficiente.

Não diz a 2.ª proposta sobre quem cairá o encargo de custear a montagem e conservação de linhas, montagem e conservação de contadores nas cabines, aumentos da rede de iluminação etc.

A primeira proposta nesse ponto era mais clara sendo de supor que o silêncio da segunda apenas signifique que há-de ser a Câmara — como na primeira proposta — quem tenha de pagar tudo isso.

Desta forma vemos que acresceriam à importância do agravamento da luz pública, já verificado, os encargos do valor dos aparelhos de medição, sua conservação e renovação, do custo da montagem e conservação da linha subterrânea e da ampliação da rede de iluminação referente a candieiros, e ainda a despesa com ordenados de pessoal que a Câmara teria de manter sem que para si disso resultasse qualquer compensação.

O agravamento das despesas da Câmara tem-no de suportar em última análise o munícipe pelo imposto a pagar, nada resultando para isso a seu favor, no caso sujeito, da diminuição de preço na luz particular, que se transforma, a final, num aumento de

CARTAS

Maria querida:

Aqui me tens, novamente, e desta vez não fui tão morosa na resposta! Creio que vou passar a denominar-te a minha « Maria dos aflitos »! Então agora complicas todos os problemas da vida? E vens então a mim para os definir? Mas, se tens senso como poucas, valor mais que normal e inteligência superior, que queres de mim? Contudo, por forma tal nos habituamos a pensar e a sentir juntas, que por esse lado dou-te perdão! e aqui vai o que me ocorre sobre a tua pergunta.

Eu já sabia tudo o que se passava em ti, e lastimo-te do fundo da alma! Mas venceste sempre na tua vida de casada, e vencerás agora também. Estas abatida por sentires pairar sobre a tua pessoa a terrível meledicência mas lembra-te, Maria querida, que a maioria da humanidade, é propensa a ferir, a enterrar funda a espada no coração alheio! Mas o mal nem tudo leva de vencida — e será este o teu caso.

Perguntas-me como poderás suster a meledicência!? Para os dardos desta « Venenosa », é necessária uma couraça superior à que usariamos perante um grupo de metralhadoras assestadas contra nós! Mas não é possível modificarmos o mundo; isto caminhará sempre assim e, suponho até, cada vez a pior. E' certo que muito custa ser tudo para todos e, nas horas de aflicção, encontrar tam poucos. Mas, se já Nosso Senhor dizia: « muitos serão os chamados e poucos os escolhidos »... Peço-te que des tudo por bem, visto conseguires assim identificar os teus verdadeiros amigos! E' tam bom sabermos contar com eles, e mais no meio da meledicência, do que debaixo duma grande dor os podemas definir. Que te não pese, porque te não avilta o affecto que sentes; para mais, és livre, e eu compreendo, como ninguem, a nobreza, o sobrenatural, dessa tua ternura que nada, absolutamente nada, tem de pecaminosa! Aqueles que te conhecem verdadeiramente, nem ao de leve, sequer, ousariam pensar a teu respeito senão o maior bem; dos outros, que te importa o que digam? Os maus, têm sempre prazer em afundar os bons; estes, julgam os outros melhores do que eles. Os que não têm nobreza de consciência, aquêles para quem não existe o culto do sublime, estão sempre prontos à demolição de tudo, e de todos os ideais de pura beleza! Arvoram-se então em juizes do próximo, quando necessitariam julgar-se primeiramente a si próprios.

Dirás: entendes então que é demasiado o meu penar, que exagero a minha dor? Não; mas o que entendo, é que deves levá-la com dignidade de quem sofre inocentemente, e, por isso, com a altivez própria de quem desde-

nha o parecer alheio, para se firmar só no conceito da sua própria consciência. Quem oculta os seus sentimentos, vence; quem tem a alma aberta, tem de ser vencido! Mas, por mim digo-te, nada, ninguém conseguirá de mim qualquer cousa que não vá pelo caminho da « lealdade »! E' arma que não dá carreira, mas, obtem-se com ela, a verdadeira paz da consciência e é-se querida por aquêles que, tendo igual norma, nos apreciam justamente por este modo de ser. Mas, dizes tu, há momentos de revolta, horas de desânimo em que quasi dá vontade de enveredarmos por caminho escuro, pon-do em prática aquilo de que os outros nos julgaram capazes; mas isto é um engano que queremos dar ao nosso próprio ser! A pessoa natamente honesta, é sempre honesta; a pessoa verdadeiramente digna, é sempre digna, em qualquer acto da sua vida. Nunca houve um segredo de ti para mim; a tua alma é como janela escancarada, pela qual entra sol a jorros. Deixa falar quem fala; tambem, coitados, se não desenferrujarem a lingua, arriscam-se a ficar mudos! Conversa tu com Deus que, como muito amou, sabe compreender a ternura que damos aos outros: e depois, que valor podem ter as almas que nunca foram tentadas? Ser tentado e vencer, é heroísmo! Ai! não te detenhas com pensares mesquinhos de meia dúzia de espiritos atabafados que invejam o poder do teu coração!! Sé sempre a mulher forte e corajosa que eu conheci! Vive dessa ternura que sentes, se dela precisas para viver; e não deixes pelo mundo, se vês que o podes fazer, de levar mais uma alma para Deus, que a levarás certamente, com todo o ardor que te conheço.

Eu digo, que o mundo tem contradicções. Se não, observa: uns, são para as fazer, outros, para as sofrer! Assim se passa hoje tudo: em negócios, quantas pessoas seguem ilicitamente e quasi nada lhes toca; surge um desgraçado e, por qualquer ninharia, arranja uma mancha para toda a vida.

O caminho da mulher valoroso, é sempre para diante, sem nunca consentir, um minuto sequer, que a sua consciência se entorpeça!

Com Deus, e a paz de uma alma pura nada há que possa derruir, ou manchar a nossa reputação: pois Jesus, na sua Misericórdia, exalta os humildes, e os oprimidos!

Oxalá, Maria querida, eu tenha conseguido levar algum bálsamo ao teu pobre coração, que só tem o defeito de ser carinhoso em demasia!

Perdoa aos que te ofenderam, vê se obtens por meio da tua generosidade, que se tornem os teus próprios defensores.

Só te deseja o maior bem a

Tua « ANGELIS »

MOCIDADE PORTUGUESA

Parte hoje para Lisboa, onde vai assistir ao acampamento e congresso da M. P., a delegação de rapazes desta cidade.

despesa na luz pública e sem qualquer melhoria para esta, não se justificando por isso tal aumento.

Temos assim que, para a luz pública, a proposta nenhum beneficio traz, antes nos deixa prever um grande agravamento no seu custo.

Dr. Julio César Gonçalves

Regressou definitivamente a Lisboa a completar a organização da Caixa de Previdência dos Padeiros o sr. dr. Júlio César da Silva Gonçalves, inspector de Previdência Social, que nesta cidade organizava a Caixa de Previdencial Social do Sindicato dos Operários de Indústria de Cutilaria. A concluir os seus trabalhos vem substituí-lo o sr. dr. Rogério Beatriz.

CARTA DE LISBOA

Portugal — Inglaterra

O general Carmona, presidente da República Portuguesa, agraciou S. M. o rei Jorge VI com a banda das três ordens: Cristo, Santiago e Aviz. O embaixador de S. M. o rei Jorge VI em Portugal ofereceu um banquete de homenagem ao general Carmona, chefe do Estado Português.

Assim se vão tornando amigas duas nações que durante longo tempo afeoram aliadas.

E' que ambas têm hoje, por cima de comuns interesses, o mesmo amor: — o amor da paz.

O programa — calendário das festas de 1940

Publicaram os jornais o programa — calendário das grandes festas nacionais de 1940, que principiarão em Maio, só terminando em Dezembro.

Estas festas, tais como se anunciam, serão perfeitamente dignas da grandeza e da importância dos acontecimentos que por essa altura se comemoram.

E se as glórias do passado serão naturalmente lembradas — e muito, mesmo — através de exposições, romagens de evocação, cortejos e espectáculos teatrais, também o futuro não será esquecido, graças ao Congresso Internacional da Juventude, promovido ou patrocinado pela «Mocidade Portuguesa».

Arsenal do Alfeite

No dia 3 de Maio, dia de festa no Tejo, dia que se consagra à marinha e em que se comemora o descobrimento do Brasil, foi inaugurado, com a assistência do chefe do Estado, do presidente do Conselho, e outros membros do governo, o arsenal do Alfeite — graças ao qual se vai agora acelerar o ritmo do rearmamento naval, indispensável, nesta hora, aos países que são, como Portugal, potências atlânticas e coloniais.

Esquadras em movimento

Ontem, 5, saíram do Tejo duas das unidades navais de guerra em que a França deposita maior e mais fundamentada confiança: o «Dunkerque» e o «Strasbourg». Hoje, 6, entraram no Tejo dez unidades da poderosa esquadra alemã que desceu do mar do Norte até à boca do Mediterrâneo, em manobras, segundo a versão do Reich, ou com outros objectivos menos claros, segundo certas agências

Santa Casa da Misericórdia de Guimarães

Movimento hospitalar no mês de Abril de 1938

Hospital Geral de Santo António

Consultas no banco, 217.
Receitas abonadas a doentes externos, 152.

Parturientes recolhidas, 10,
Crianças nascidas 9, sendo 3 do sexo masculino e 6 do sexo feminino.

Doentes existentes no último dia do mês Março, 115; entrados durante o mês de Abril, 136.

Saídos: curados, 97; melhorados, 44; no mesmo estado, 6; falecidos, 12.

Ficaram existindo no último dia do mês de Abril, 89.

Banhos dados no balneário, 167.

telegráficas nem sempre imparciais e serenas nas suas informações.

O público de Lisboa, que acolheu fraternalmente os marinheiros franceses, recebeu também com amizade os alemães; com amizade — e com sincera admiração pelo seu impecável apuro.

O discurso de Beck

Para usar a expressão já consagrada — Beck, com o seu discurso, não fechou a porta...

Isto, de resto, é agora a preocupação dominante dos estadistas que discursam... Nenhum quer fechar a porta...

Que pretendia Roosevelt com a sua mensagem? Abrir de par em par a porta — essa porta misteriosa, que não é, com certeza, a Sublime Porta. E que se esperava de Hitler — quando este anunciou o seu discurso? Que o «furher» dos alemães techasse a porta... Mas êle, afinal, não a fechou — nem a fecharam as declarações de Chamberlain e Daladier.

Ninguém quer, decididamente, fechar a porta.

E talvez, no fim de contas, a paz se salve — por causa de tal porta misteriosa que ninguém quer cerrar sobre as inquietações e as angústias da humanidade!

«Capital do espírito»

Livro escrito por compatriota nosso e publicado em Portugal raramente consegue ultrapassar as nossas fronteiras e ser lá fora discutido ou elogiado. Não aconteceu isto, felizmente, com a *Capital do Espírito*, obra de Luiz Forjaz Trigueiros, meu camarada de longe, meu amigo de sempre. Collectânea de entrevista com escritores franceses — despertou em França um interesse que se patenteou, no circunscripto *Temps*, através dum artigo do professor Warnier, no combativo *Jour*, através duma crónica da escritora Claude Sylve, prémio Fémina de 1938, e, por fim, nas exigentes *Nouvelles Littéraires*, através dum pequeno, mas curiosíssimo estudo de Luc Durtain, que na moderna literatura gaulesa representa, com alguns outros, a eterna inquietação do homem e a eterna ânsia de aventura.

E não me levem a mal que eu faça, aqui, esta referência a um amigo. O contrário — o silêncio — é que, neste caso, seria de lamentar. Não se cala, em regra, senão o que se inveja.

Lisboa, 6 de Maio de 1939.

D. F.

Operações de grande e pequena cirurgia, 76.

Curativos feitos no banco, 1.638.
Oftalmologia: operações, 1; curativos, 530.

Injecções aplicadas, 1.353.
Sessões de Raios Ultra-violetas, 250; de Diatermia, 154.

Hospital António Francisco Guimarães

Consultas no banco, 12.
Doentes existentes no último dia do mês de Março, 19; entrados durante o mês de Abril, 7.

Doentes saídos: curados, 3; falecidos, 1.

Ficaram existindo no último dia do mês de Abril, 22.

Curativos feitos no banco, 92.
Injecções aplicadas, 28.

Situação financeira do Município

Na reunião efectuada no dia 16 à noite, na Sala das Sessões da Câmara Municipal de Guimarães, a convite do Sr. Presidente do Município, afirmei eu que o estado financeiro da Câmara não era tam desanimador como S. Ex.^a supunha.

Porque o assunto é da máxima importância para o concelho, propoño-me tratá-lo com o necessário desenvolvimento, no intuito de bem elucidar os interessados que são todos os muncípios.

Por agora limitar-me-ei a reproduzir o que disse naquela reunião e a afirmar que, em minha modesta opinião, a situação financeira do município é francamente desafogada e que, sem comprometer todos os seus rendimentos, poderá êste contraír sem dificuldade um grande empréstimo a prazo que não vá além de 15 anos.

Senão vejamos.
Desde 1934 a 1937, anos em que estive na presidência do município e elaborei os respectivos orçamentos, os rendimentos próprios da Câmara (excluídos os que tinham consignaçoção especial) andavam à volta de 1.800 contos.

Depois de dotados os serviços normais da Câmara, ficavam disponíveis 550 contos que geralmente se destinavam a obras novas.

Posteriormente, com a aprovação de novas percentagens sobre as contribuições cobradas pelo Estado, aumentou a receita da Câmara em mais de 200 contos.

A nova tabela de impostos indirectos deve ter trazido um aumento de 100 contos pelo menos.

As despesas obrigatórias aumenta-

Anti-marxismo

O mal está na raiz

Foi descoberta agora no exército soviético do Extremo Oriente uma nova organização anti-governamental denominada «Liga militar anti-estaliniana».

Em Kabarovsk, foi fuzilado um primeiro grupo de detidos, que era constituído por um comandante de brigada, dois coronéis comandantes de regimentos e quatro tenentes. Catorze oficiais foram conduzidos a Moscovo, sob a vigilância severa de agentes da G. P. U. e da secção política do exército. Mesis, comissário militar na circunscrição da Sibéria, foi também preso e enviado para Moscovo.

Estaline sente estalar sobre a sua cabeça tôdas as vigas do edificio que architectou. Supõe livrar-se da derrocada, substituindo-as, sem ver que afinal esta é inevitável, devido à podridão dos alicerces.

ram em pouco mais de 35 contos com a gratificação ao Presidente e a admisión de alguns fiscais de impostos.

Por conseguinte a Câmara dispõe hoje de mais de 800 contos para garantir um empréstimo.

Ao prazo de 15 anos êsse empréstimo podia ser de 8.000 contos, mas a Câmara talvez não precise de metade e, nesse caso, contrairia um encargo que não iria além de 400 contos anuais. Ainda lhe ficavam 400 contos livres.

JOSÉ FRANCISCO DOS SANTOS.

JOÃO FERREIRA DAS NEVES

Rua de Santo António — Telefone 181

GUIMARÃIS

HORÁRIOS DAS CARREIRAS DE CAMINHETAS

HORÁRIOS DAS CARREIRAS DO PEVIDÉM

Guimarães	Pevidém	Pevidém	Guimarães
Partidas	Chegadas	Partidas	Chegadas
7,35 A	7,50	8,00 A	8,15
8,05 F	8,20	8,30 F	8,45
8,20 B	8,35	9,00 B	9,15
12,00 C	12,15	12,30 C	12,45
16,30 B	16,45	17,15 B	17,30
19,15 D	19,30	19,30 D	19,45
20,35 E	20,50	20,55 E	21,10

A — Efectuam-se diariamente excepto aos Domingos.
B — Efectuam-se aos Sábados.
C — Efectuam-se diariamente.
D — Efectuam-se de 1 de Dezembro a 30 de Junho.
E — Efectuam-se de 1 de Julho a 30 de Novembro.
F — Efectuam-se só aos Domingos.

HORÁRIO DA CARREIRA DA PÓVOA DE VARZIM

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
7,15	9,55	17,15	19,50

Efectua-se todo o ano

De 1 de Julho a 30 de Novembro

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
7,15	9,55	18,35	21,20

De 15 de Junho a 15 de Novembro

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
11,45	14,25	8,00	10,40

HORÁRIOS DAS CARREIRAS DO PORTO

Guimarães	Porto	Porto	Guimarães
Partidas	Chegadas	Partidas	Chegadas
8,05	10,00	8,00	10,00
12,35 C	14,30	12,30 C	14,25
18,20	20,15	17,00 A	19,05
		18,30 B	20,25

A — Só se efectua de 1 de Dezembro a 30 de Junho.
B — Só se efectua de 1 de Julho a 30 de Novembro.
C — Não se efectua aos Domingos.

A Igreja Nova

(Continuação da 4.ª página)

preendemos sequer que pudesse ser outra cousa.

Todas as formas artísticas do passado foram modernas em relação ao seu tempo.

Igreja dos nossos dias, devia traduzir, enquanto lho permitisse o carácter sacro e a finalidade cultural, as expressões da técnica e da arte contemporâneas.

Copiar cegamente formas artísticas doutras épocas, será fazer obra de arqueologia artística; mas não é seguramente obra viva de arte.

Nem nos admira que a renovação artística que a igreja nova acusa, se faça com protestos. Nunca foram introduzidas sem êles as formas novas de arte, sujeita (como tudo o que é humano) às fatais transformações do tempo.

Quanto a ser *bela* a igreja, nós cremos sinceramente que ficará como uma das igrejas mais belas modernas que conhecemos já — na América, na França, na Bélgica e na Itália.

Se não fosse bela, nem poderia sequer considerar-se uma boa igreja. Toda e qualquer igreja, pela sua natureza e destino, que exigem majestade, grandeza, dignidade, unção, beleza — é necessariamente uma obra de arte.

Os que estão afeitos à arte falsa de tanto arrebique de estuque das nossas igrejas do século XVIII, acharão talvez demasiado nua a nova igreja.

Respondemos, sem pretender discutir pormenores, que há beleza, autêntica beleza, por exemplo, no que Mauzoni chamava: *la magnifica simplicita porpora*. Queremos dizer que há uma simplicidade que é suprema perfeição. O excessivo rebuscado do pormenor como o exagerado acumular da decoração podem encobrir ausência de inspiração ou abafar a eloquência das linhas. Não negamos o risco de cair, com princípios de simplicidade e sinceridade, em alguma cousa de trivial. Mas acostumamo-nos a ver a essência da arte, com o Mestre do pensamento católico, S. Tomás de Aquino, no «*explendor da verdade*».

Dos versos de João de Deus foi dito que são tam simples, que toda a gente parece os podia fazer, — mas na verdade só êle os fez.

A igreja nova aí está. Pensamos que os nossos propósitos não foram iludidos. Deram-lhe realização outros, a quem nunca quisemos cortar as asas de inspiração.

A igreja de Nossa Senhora de Fátima, fica fazendo parte do património da Religião e da Arte.

† M. CARD. PATRIARCA.

(Da revista do S. N. dos Arq. *Arquitectos*)

FALECIMENTO

Repentinamente faleceu na Penha, onde tinha ido com outras crianças passar a tarde, o menino Ricardo José Lôbo Neves Pereira, filho do saudoso vimarenense sr. José de Freitas Neves Pereira e da sr.ª D. Margarida Lôbo Machado Neves Pereira, que contava 6 anos de idade.

Vitimou-o uma sincope cardíaca. A família enlutada apresentamos os nossos cumprimentos, acompanhando-a na sua dor.

Homenagem a Monsenhor Ribeiro

Pela comissão promotora da homenagem foi enviada a seguinte circular:

Rev.º Sr.

«No próximo dia 15 de Junho celebra as suas bôdas de oiro sacerdotais o nosso ilustre colega e bondoso Arcipreste Monsenhor João António Ribeiro, que êste ano atinge também o 80.º aniversário da sua operosa e fecunda existência.

Não podemos nem devemos deixar passar no olvido aquela data festiva, pelo que resolvemos promover em honra do venerando e virtuoso sacerdote, tam digno das homenagens de todos, e com a aprovação plena do Ex.º e Rev.º Prelado, que se dignará, se lhe fôr possível, assistir também, uma solene e piedosa comemoração.

Por êste meio vimos comunicá-lo a V. Rev.ª, certos de que, mórmente os nossos colegas dêste vasto arcepresbiterado e tantos outros que passaram, em saudosos tempos, pelo Seminário-Liceu de Guimarães, quererão associar-se de alguma sorte a esta justíssima consagração.

Naquela faustosa data, além de outros actos de devoção, como Missas e Comunhões Gerais pelas intenções do homenageado, celebrar-se-á na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, às 10 horas precisas, Missa solene com sermão, seguindo-se *Te-Deum* e Bênção do Santíssimo Sacramento. Após as solenidades religiosas, os colegas e admiradores que puderem e quiserem fazê-lo, e que previamente para isso se inscrevam, acompanharão Monsenhor João Ribeiro ao alto da Penha, onde lhe oferecerão um almôço.

Interessantíssimo seria, por igual, que em cada freguesia do arcepresbiterado se realizassem actos de piedade, sobretudo Comunhões de crianças e adultos, em qualquer dia mais conveniente dêste mês de Junho, pelas intenções do homenageado, e que os Rev.ºs Párocos nos fornecessem uma nota dêste ramallete espiritual, para no solene dia o depormos nas suas mãos, como preito de veneração do rebanho querido e agradecido.

Pensamos ainda em ofertar a Sua Rev.ª uma recordação dêste grande dia; e julgamos que nada melhor podemos fazer do que entregar-lhe o mesmo produto das ofertas que cada um deseja trazer a esta comissão promotora, até à referida data, para que o homenageado lhe dê a aplicação que ao seu bom critério aprovar.

Cumprindo o dever de participar tudo isto a V. Rev.ª, aguardamos por nossa vez as suas estimadas ordens e comunicações.

Guimarães, 13 de Abril de 1939.

Pela Comissão Promotora,

Cónego Alberto da Silva Vasconcelos.
P.º António Cândido Pires Quezado.
P.º Augusto José Borges de Sá.
P.º Luiz Ganzaga de Sousa Fonseca.
P.º José Carlos Simões Veloso de Almeida.
P.º Domingos da Silva Gonçalves.

Lêde e propagai

“Ressurgimento”

DO CONCELHO DO CONCELHO

Festas das Cruzes

Serzedêlo — No passado domingo, dia 7 de Maio, realizou-se com muito luzimento, tendo sido muito concorrida, a Festa das Cruzes, na freguesia de Serzedêlo, cuja igreja paroquial constitue um dos mais expressivos exemplares do estilo românico, no nosso concelho.

De manhã, houve missa cantada, sermão, etc.

Os largos fronteiros à igreja é capela, encontravam-se engalanadas com cruces, cobertas de flores, segundo uma disposição artística. Estas cruces davam um efeito surpreendente. Abrihantou esta festa a banda do Pevidém.

Nespereira — Domingo próximo, dia 14 de Maio, sai da igreja paroquial da freguesia de Nespereira uma peregrinação ao Senhor dos Aflitos, cuja capela está situada numa pitoresca elevação, sobranceira à freguesia de Gandarela. Esta piedosa romagem costuma ser muito concorrida.

Moreira de Cónegos — De visita a sua família esteve domingo último nesta freguesia o sr. major Cipriano Martins, digno comandante da Legião Portuguesa no distrito do Pôrto.

— Acompanhado de sua família, encontra-se nas suas quinta sitas nesta freguesia, o nosso prezado amigo sr. Rodrigo Lobo. — C.

DA ARTE...

Construiu-se e já se encontra aberta ao culto a nova igreja de Nossa Senhora de Fátima nas avenidas novas de Lisboa.

De construção moderna, esta igreja marca uma etapa na arquitectura da arte religiosa. Estão, por isso, de parabens os artistas que a conceberam e delinearam e mestre Cerejeira, espírito superior que num verdadeiro gesto revolucionário soube realizar o sonho dêses artistas. Honraram-se, honrando-nos.

Mas, — quem fez a casa na Praça... — logo se ergueram clamores... a frase bafienta, mísero lugar comum de quem mais ainda não encontrara, surgiu: «que se parece com um armazém», «que se parece com uma garagem».

E' a frase estafada. Edifício moderno que se construa, religioso ou profano, ou é *uma garagem ou um armazém!* Não saberão tirar dêsse crâneo alguma cousa mais de novo, deixando de repetir o bolorento estribilho?

— Que não tem religiosidade: tiram-lhe a cruz ou a torre e que fica — um armazém, uma fábrica, uma garagem...!!! Basta.

E quanto a religioso. E quanto à tiragem da cruz da torre, como a ignorância os cega!

Tirem a cruz e a torre a uma igreja dos últimos séculos e que fica? — um templo pagão! Religioso, isto?

Entremos numa igreja da renascença, para cá? que verificamos?

— A confusão com um salão de Baile, com camarotes e lustres, estilo Luiz XIV, XV, *rocaille*, e todas as espécies de «*rococós*»! — Religiosidade, isto?

Não tem a arte religiosa moderna, na sua simplicidade, muitíssimas mais parencas com a românica e gótica, na sua austeridade, e mais religiosidade as duas, que a policramia gritante e luminosidade mundana das igrejas dos séculos XVII, XVIII XIX?

«OCIDENTE»

Sumário do n.º 13, vol 5.º Maio de 1939:

Ricardo Jorge, «Camilo e Inez de Castro — Porque a mataram?»; A. A. Mendes Correia, «Prisões confirmadas»; Joaquim Costa, «Eça de Queiroz — A sua Estética e a sua Ideologia»; Fausto Guedes Teixeira, «Cabelos brancos» (Versos); Gregório Neynes, Poema; Cecília Meireles, «Canção de um Naufrágio»; Mário Quintana, «Inquietação»; Carlos de Magalhães Azeredo, «A São Francisco de Assis» (Cinco Sonetos); João Cabral do Nascimento, «Oásis» (Soneto); Anselmo Braamcamp Freire, «Vida e Obras de Gil Vicente» (Continuação); Américo Durão, «Já não temos vinte anos...»; Marcus, Cheke «A Volta ao Mundo em avião» (Conto); Agostinho Barbieri, «Encontro de S. João»; Artur Augusto, «A moderna Poesia brasileira»; Mário Sette, «Azeite e Lamedes»; Francisco Manuel Alves, «Acheças para a História mística criadora de Atmosfera propícia à Restauração de 1640»; Vincenzo Bucci, «Tre secolli d'Arte in Piemonte — Il Gotico e il Rinascimento»; Armando Leça, «Músico Caminheiro» (IV); Barros Ferreira, «A Arte nas suas relações com a Moral»; Angelo Pereira, «Aguas passadas... — Um acto de generosidade de El-Rei D. João VI»; Concurso da Aldeia mais Portuguesa, Relatório do Júri Provincial da Beira Baixa, (V) «Da Indústria, da Habitação e do Traje» (Conclusão), por Eurico de Sales Viana.

Crónicas — Rodrigues Cavalheiro, «Sob a Invocação de Clío»; Diogo de Macedo, «Notas de Arte»; Luiz Chaves, «Nos domínios da Etnografia e do Folclore».

Bibliografia — Notas críticas de A. P., L. C., E. N., A. do E' S. e O. C.; livros recebidos; revistas recebidas.

Notas e Comentários.

Fins de Página — do P.º António Vieira.

Ilustrações — Eça de Queiroz — duas páginas de Rafael Bordalo do «Album das Glórias»; Busto de Alvaro de Miranda — por António de Azevedo; Cabeça de Mulher — Talhe em granito de Raúl Xavier; Meninas — por Sarah Afonso; Dois aspectos de Mon santo; Coro de S. Gerolamo de Biella no Duomo d'Aosta; Página do Missal della Rovese; Madonna Assuuta; S. Julião; Relecário de S. Eldrado; Virgem com o Menino — Esculturas existentes no Museu das Janelas Verdes e na Matriz de Barcelos; Anjo — Pormenor do «Santo Sudário» — de Frei Carlos; S. Tiago pregando; O Ninho — de Henrique Franco; A minha Família — de Dordio Gomes; A Raça — de Barata Feyo; Busto — Augusto Santo. Vinhetas de Correia Dias, D. M. e Alfredo Moraes.

Reproduções em *offset* da Litografia Nacional.

Preço da assinatura

Anual 24\$00

Semestre. 12\$00

Trimestre 6\$00

Avulso \$50

Dies Irae Avé Legionários de Portugal! Avé Viriatos!

(Versão livre do texto latino)

Dies irae, dies illa,
Quando, ao dizer da Sibília,
Será cinza a humana argília!

Que terror, quando se pensa
Que o Juiz dará sentença
Sobre a nossa culpa imensa!

A trombeta, em grave entono,
Ergue os mortos do seu sono
E os congrega aos pés do trono.

Pasmam a Morte e a Natura:
Mas, de Deus por lei segura,
Ressuscita a Criatura.

E ei-la, em juízo final,
Ante o Livro, e o Tribunal
Que separa o Bem e o Mal.

Logo a alma se desnuda:
Não há bôca, falsa ou muda,
Que ao Juiz supremo iluda.

Que farei, pobre de mim,
Quando fôr chamado assim
A saber qual o meu fim?

Quem será meu advogado,
Ao me vêr desesperado
Nas angústias do pecado?

Rei de augusta magestade,
Quem valer-me pode ou há-de,
Senão tua piedade?

Tu que morreste por nós,
Não alcançarás tua voz
Pelo meu tormento atroz?

Regataste-nos na Cruz
E de ti, meu bom Jesus,
Minha treva implora a luz.

Justo Juiz, recto e são:
Colhe no teu coração
A esmola do meu perdão!

Sou pecador e sou réu,
Mas minha alma não perdeu
A sede e fome do Céu!

Perdoaste a Madalena,
Ao ladrão sustaste a pêne,
E de mim não terás pêne?

Mesquinhas são minhas preces,
Mas tu, que tudo mereces,
Assim mesmo as não esqueces!

Das garras de Satanás,
Do fogo me livrarás,
Para dar-me a eterna Paz!

Para eu ter, em teu rebanho,
O lugar da ovelha ou anho,
Que aos malditos seja estranho.

E, no dia do Juízo,
Já parece que diviso
As portas do Paraíso!

Senhor meu, meu Salvador!
Minha alma anseia de amor,
E meu corpo de pavor!

Guia-me ao mundo de além,
A' fonte de todo o Bem,
A' Verdade eterna! Amem!

ALBERTO DE OLIVEIRA

Este número foi visado
pela Comissão de Censura

riosa defesa do País, porque além do seu amor pátrio a Lei lhe impunha o caminho do Dever!

Mas os soldados que vêm chegando, que vêm regressando hoje a Portugal — tendo o peito e os nomes glorificados «por medalhas e louvores» (como informa o *Diário de Lisboa*) tendo alguns deles «ascendido, pelo seu heroísmo, aos postos de cabo, sargento e alferes» (como informa o mesmo ilustre jornal) foram para essa guerra (brazeiro infernal Dantesco!) só voluntária, espontaneamente, levados pela consciência da Raça, pelo instinto do Dever!

Pela *Loucura da Cruz!* — e quem diz Cruz — diz Pátria, diz Deus, diz Lar, diz Moral, diz Honra, Heroísmo, Consciência do Dever, Humanidade, Amor instintivo do ideal cristão; *sede insensata do absoluto* — na concepção do malogrado Moniz Barreto, tam citado e engrandecido por outro não menos malogrado cultíssimo ensaísta António de Monforte.

O' Soldadas de Cristo!
O' Peoneiros da Defesa da Civilização Ocidental!
O' defensores do meu País cristão!
O' beneméritos defensores do meu Lar, desmantelado pela Morte, mas aonde ainda me restam duas adoradas Filhas!

Aqui vos venho agradecer!
Não posso fazer mais do que isto!
Oficiais! Soldados!

Se o farrapo humano que hoje sou, ainda poder valorizar-se nalgum serviço que vos seja útil — eu iria, levar-vos, se vierem um dia a passar fome, um pouco do meu pão, alguma da minha roupa, e todo o carinho que possa dar-vos o coração dum velho, embora ressequido pela Dor — mas coração e alma onde a Gratidão não deixará de florescer, com sua sobre humana espiritualidade, até ao último soro de vida.

Muitos de vós — dos simples soldados — podem não ter a perfeita noção da missão que acabam de desempenhar nos Campos Hispânicos, ajudando a manter, com a «aliança peninsular do Sangue e da Raça», a permanência duma civilização própria, que foi a única, na Europa, Criadora, com Directriz Mundial, na confissão do próprio Oswaldo Spnegler.

Ajudando a salvar esta Civilização Ocidental, tam condenada pelo pessimismo presago, do mesmo escritor inglês; levando, assim, a um histórico e integral «*Interesse Peninsular*», o tributo heróico do vosso esforço e da inteligência e heroísmo dos vossos Comandante — interesse peninsular representativo duma bela e imortal «*Unidade histórica Hispânica*» que nada tem (como bem o vinca o eminente autor do Valor da Raça) «*com a utopia aberrativa do Iberismo*» — vós sois os Maiores Soldados de Portugal, porque sois os soldados da maior Causa, da causa mais grave, do risco e ameaça, mais tremendo que tem pesadão sobre os destinos e sobre a própria vida de Portugal!

Eu não acredito que o vosso esforço tam belo, tam espontâneo, tam heróico, tam eficaz, tam salvador da honra e da missão peninsular da nossa Raça, deixe de ser agradecido e compreendido, elusiva e dignamente, pela Nação inteira, por toda a alma

portuguesa, dignamente representada, pelo seu Governo Nacional!

Eu não acredito, do canto humilde e sem outra força ou outra voz que não seja a desta honrada *Voz*, que o sacrifício de tantos vivos e de tantos mortos seja lançado para a indiferença da sensibilidade, do coração português!

Eu não acredito, não posso, não quero acreditar, que os ossos e os corpos dos que deram a vida na guerra, moralmente mais Alta, que se tem travado pela Península — e por Portugal — fiquem, uns dispersos; longe da Pátria; outros dispersos, na própria Pátria!

Eu não acredito que para êsses mortos queridos e abençoados da Nação não se erga já um Mausoleu a assinalar que nós não traímos a Península na hora da sua mais horrível tragédia.

Eu não acredito, não o posso acreditar!

Hoje, que num paralelismo providencial, as duas grandes Nações Hispânicas alcançaram a *unidade interna*, quase perfeita das suas forças num Ciclo de Ordem, criadora e renovadora!

Hoje que as influências da sua *Projeção mundial, Atlântica*, do «*Mare Nostrum*» — num paralelismo que nunca se chocou, começa a reflectir-se na América Luso-Hispânica, onde êste Ciclo de Ordem peninsular se projectou já na *reintegração da ordem interna* do Brasil e da Bolívia.

Não posso acreditar que a baixa intriga, tórpe, de câis danados do bolchevismo, raiventos de despeito e ódio pela Derrota, que lhes infligiu o heroísmo peninsular: consigam vencer a Vitória, lançando sobre ela uma penumbra viscosa de intriguismo dementado, acefalo, primário e só desprezível!

Eu não acredito que êsses Militares ou Legionários, no Além-Túmulo ou na Vida, sejam ainda constrangidos a envergonharem-se das nobilíssimas citações que mereceram; das honoríssimas medalhas que conquistaram, das divisas que heróicamente alcançaram em combates cuja descrição faz renascer a Gesta das grandes Epopeias!

Não! Não posso acreditar que o honrado e prestigioso Governo Nacional — *O Governo da União Sagrada*, sagrada por todas as forças espirituais do País — possa deixar de cumprir a sua Missão.

Eu não acredito que uma Sociedade, uma Nação, um Povo que acaba de viver durante cerca de três anos, em permanente e profunda emoção, pedindo a Deus a Vitória de Deus, suplicando de Deus a derrota do Bandidismo Bolchevista — eu não acredito que essa mesma Sociedade, essa mesma Nação, esse mesmo Povo — possam, após a Vitória do Bem sobre o Mal, possam após a Vitória da Salvação — voltar costas aos obreiros dessa Vitória, à porção dos obreiros dessa Vitória cujo heroísmo mais grato, mais orgulhoso, mais belo pode e deve ser ao nosso coração de portugueses!

Não! Não o acredito!

Para acreditar em tal era preciso crer num máximo e súbito aviltamento da sensibilidade nacional! Era preciso crer que as mais rudimentares forças espirituais e da Inteligência se tenham súbitamente subvertido em Portugal!

Não! Não o acredito!

Profeticamente exclamava (num jus-

to hiato do seu pessimismo e proselitismo do «*Acaso*») o belo espírito de Oliveira Martins: «observando que o Heroísmo Peninsular tendo sabido vencer tudo com a sua indomável energia, «somos levados a crer que o papel de apóstolos das futuras ideias, está reservado aos que foram os melhores Apóstolos da antiga Idea e da Verdade católica».

E honrando, mais uma vez, a minha pena, ao molha-la na inspiração doutro grande artista e pensador, repetirei quasi como êle:

«Eixo da civilização pelo íntimo e completo consórcio de todas as suas tendências para o absoluto com a labareda sagrada do Cristianismo, pela Cruz e pela Espada, a Península Hispânica salvou outrora a Humanidade, duma noite profunda e quasi sem Esperança!»

A mesma Noite, *uma pior Noite*, acaba de se condensar trágicamente sobre as nossas cabeças!

Acima! Arriba! Ao alto! Hispanos de ambas as margens do Atlântico!

«E que as estrêlas do Céu e as ondas do mar vejam, breve, outra vez, a Gesta duma Raça que nasceu para se dar a Deus e à *Civilização Cristã*, num sacrifício ardente e jubiloso!»

Aqui apelo, igualmente, para o Coração; para a *Inteligência*; para a Sensibilidade moral e étnica, dos Directores de todos os diários nacionalistas de Lisboa e para toda a imprensa do País!

Daqui apelo para esses ilustres jornalistas, alguns dos quais meus amigos queridos: Engenheiro Fernando de Souza; Eduardo Schwalbach; Dr. Joaquim Manso; João Pereira da Rosa; Dr. Augusto de Castro; Deniz Bordalo Pinheiro; Dr. Tomaz de Gamboa; Dr. Pestana Reis; daqui apelo para essa galeria ilustre (que vinquei por ordem da problemática idade); daqui apelo para a sua nobilíssima concepção de Deveres Pátrios e Espirituais para que, esquecendo o nome do antigo camarada e colega, cuja obscuridade lança sobre a beleza moral dêste apelo, a sombra da sua pobre e enferrujada pena, de velho jornalista — ofereçam, pelas suas bem brilhantes penas, o apoio imprescindível que esta nobre causa merece!

Causa que consiste em honrar e premiar os legionários sobre vivos e honrar a memória dos mortos.

Causa que consiste, quantos aos vivos, em receber triunfalmente a Legião Portuguesa bateu em Espanha, que se por Portugal, pela Península e em garantir o pão de todos eles! Causa que consiste, quanto aos Mortos, em se erguer um Mausoleu em que repousem para sempre, com os seus Nomes inscritos numa Cruz tumular, os que tão heroicamente morreram pela Moral e Civilização Cristã de Portugal!

Avé! Memórias Sagradas dos que morreram nessa guerra Santa!

Avé Legionários heroicos, que se bateram nessa guerra Sagrada!

Avé! Beneméritos da Civilização Cristã e da Pátria!

Queluz — Maio.

Lêde e propagai
«Ressurgimento»